



Toxicodependência: fuga para onde?

Seguindo a sequência dos temas sobre drogas, estou colocando abaixo textos referente ao assunto; lembrando que na HP em artigos há uma sequência de mais textos sobre o assunto, ok?:))

E a partir desses textos, vamos papear um cadinho?:))

- a) A partir de qual idade podemos trabalhar com o tema drogas?
- b) Que tipo de abordagem devemos utilizar para com crianças?
- c) Que tipo de trabalho podemos fazer junto à mocidade?
- d) Como tratar o álcool junto a crianças e jovens? Já que apesar de considerado como droga é liberado perante as leis ?E muitos ainda naquela de "beber socialmente" acabam por transmitir às crianças que o álcool não seria algo vicioso ou que poderá gerar dependência e outras consequências morais?

Toxicodependência: fuga para onde?

O psiquiatra dizia naquela entrevista, no Centro de Profilaxia da Droga, para um programa de rádio que fazíamos na inesquecível época das chamadas «rádios-piratas»: «Sabe, é muito difícil tratar esta doença. Enquanto o canceroso aceita o tratamento, o toxicodependente não. Porque a droga dá-lhe um prazer imediato», e ele não quer naquele momento saber da ressaca e do que vem depois.

A grande questão é o complicado labirinto em que se pode entrar distraído. Alguém oferece uma e outra vez, até que a habituação cobra mais dinheiro e mais saúde.

À partida, todo o ser vive na busca do poder de estar bem. E, nesse percurso, instrumentaliza várias actividades. Nem sempre, num nível primário de evolução, se sabe resolver bem esses problemas, mas a verdade é que se tenta, e de que maneira...

Só que o nosso bem-estar depende muito das opções que tomamos. Algumas delas, depois de assumidas, podem impor um difícil retorno.

Respigos

O prazer é como um isco com que a vida estimula a caminhada evolutiva de todos nós. Aí, os passos são dados em conformidade com os valores adquiridos

no imo do ser.

Do ponto de vista histórico,f1J só quando já era um hábito O consumo de drogas é que ocorreu o seu reconhecimento como tal. Aliás, um facto recente na história da medicina.

Não obstante, já há cerca de 3000 anos que os chineses usavam a «cannabis», o ópio e o «peyote», substâncias com propriedades terapêuticas euforizantes. Dá-se uma dualidade: fármaco/droga, que até só foi reconhecida pela primeira vez no século XIX, precisamente com a morfina.

A morfina foi muito usada pelos médicos de então, que notaram, entretanto, que os doentes a quem administravam esse fármaco criavam habituação, exigindo-o. Procuraram depois resolver essa dependência dos doentes perante a morfina com urna outra substância que, garantia a ciência médica na altura, erradamente, substituiria a apetência dos doentes pela morfina sem criar a indesejada dependência: a heroína.

Com as suas variantes, novas drogas surgem...

Só que, hoje, sabe-se as dramáticas consequências que advêm em termos de saúde física e mental.

Afinal o que é?

Droga é toda a substância natural ou sintética susceptível de provocar sensações e alterações de comportamento, dependência e efeitos perniciosos secundários. Associa-se a este conceito uma característica importante: a tolerância a mesma dose tomada sucessivamente deixa aparentemente de produzir as sensações das primeiras vezes, e o adicto começa a escalar, a consumir quantidades crescentes.

Como se vê, o tabaco e o álcool também são drogas.

Para a medicina, a toxicodependência surge como uma nova sintomatologia dentro da saúde mental, aliás muito difícil, porque a motivação do doente para a sua cura é muito fraca e é sempre muito difícil tratar o desejo, aquilo que dá um prazer imediato.

Por exemplo, um doente canceroso fará tudo o que o médico lhe aconselhar. O toxicodependente nem por isso. A toxicodependência aparece como uma doença crónica, com recaídas e inenarráveis lutas íntimas.

Porquê?

Os motivos que induzem alguém a drogar-se geralmente são de ordem pessoal e social. Cabem aqui os diversos problemas familiares que não sejam harmonizados, bem como as dificuldades de integração num grupo por parte de adolescentes, sobretudo quando pretendem ser aceites pelos restantes que já

se drogam. O novo elemento, ao querer ser aceite, tudo faz para se

identificar com o grupo. E tantos outros...

O facto, porém, é que diante de situações graves nem todos optam por se iludir com o prazer breve e custoso das drogas. Isso porque não são as situações que nos fazer cair na toxicodependência, mas sim a resposta que damos a essas situações.

Em quadros existenciais semelhantes o Quim responde de modo diferente do Chico e do Manuel e da Maria ou da Felismina. É que eles têm padrões de interpretação da realidade diferentes entre si, e por isso respondem-lhe cada um na medida do seu amadurecimento. Uns fogem, outros resolvem.

A justificação que possamos atribuir à nossa presença neste planeta azul é vital neste percurso. A ignorância associada ao desejo de estar bem pode resultar nas drogas. Nada mais evidente.

Três níveis!!!

Tudo se enquadra na natureza dentro de uma relação de causa e efeito.

Segundo o espiritismo, a vida prossegue após a morte numa relação de continuidade. Toxicodependente aqui, toxicodependente no Além, dependendo também da sua vontade e empenhamento o instante de se começara tratar.

Contudo, é evidente que não temos espírito. Somos espírito e temos corpo físico e corpo espiritual (perispírito).

A droga espalha-se assim em três níveis: o primeiro é o orgânico-corporal; o segundo é o orgânico-perispiritual; o terceiro é o espiritual propriamente dito.

O corporal toca tudo o que diz respeito ao corpo físico. O nosso corpo habitua-se à química da droga e cobra quantidades crescentes. Resulta a dependência orgânica do doente.

O perispiritual envolve o organismo espiritual que possuímos: a matriz do corpo físico que é detectado pelos cinco sentidos. Constituído de uma «matéria espiritual», em condições vulgares imperceptível para nós, é muito plasticizável pelo estado mental por que optamos. Nele, a droga provoca desequilíbrios, eventualmente possíveis de se estenderem à erraticidade, ao plano espiritual, e mesmo a diversas reencarnações.

Quanto ao espiritual, propriamente dito, há que reter: não temos espírito, pois o espírito somos nós próprios. Se nos fragilizamos ao ponto de fugir da realidade (incompreendida) sistematicamente, após a morte do corpo físico não teremos como satisfazer a apetência e cristalizamos durante um tempo as impressões ilusórias resultantes do consumo da droga.

Se é certo que após a morte corporal as exigências bioquímicas do corpo físico se extinguem, o mesmo não acontece com a cobrança do corpo espiritual e com a dependência psicológica, que continuam.

E, depois, como resolver esse desejo de consumir, tendo em conta que o perispírito não manipula objectos materiais? Como resolve o problema de querer injectar-se quem já está no plano espiritual e mantém a vontade «necessidade» aparente) de o fazer? As mãos do seu corpo espiritual não retêm a matéria. Assim, há uma procura telepática dos encarnados (dos «vivos») que têm esse hábito. Encontrando um com que se afinize, o desencarnado (o «morto») toxicodependente pode intensificar-lhe mesmo inconscientemente a vontade de consumir, o que ocorre, e dá-se um empréstimo de sensações. São vítima e algoz em papéis permutáveis.

Mas nem sempre é assim. Antes podem ocorrer determinadas alienações.

Uma vez...

Um centro espírita idóneo costuma ter na sua actividade semanal pelo menos uma reunião mediúnica privada. Certa vez, numa delas, a médium que atendíamos ficou envolvida por um espírito desencarnado. Como é norma, deixámos que a entidade se manifestasse para avaliar que tipo psicológico ali se encontrava.

Curiosamente, começou a dizer, muito extrovertido, que não sabia como é que tinha chegado ali, mas já que ali estava, queria isto e aquilo, referindo-se ao sexo feminino da pior maneira. Tinha sido homem. Começámos a conversar com ele, tentando levá-lo a outros assuntos. Ele falava como se só se ouvisse a si próprio. Fez uma primeira referência ao seu hábito de se drogar, que não foi novidade pela forma como falava e gesticulava através da médium. Como o espírito insistia em agredir verbalmente as mulheres, perguntámos-lhe se ele também pensava o mesmo da mãe dele. A resposta foi ameaçar um soco, que não lhe foi possível concretizar, pelo facto de a médium ter educado a sua mediunidade, coadjuvada pela acção dos benfeitores desencarnados presentes, que ele ainda não via.

Quando a mãe foi referida, houve uma quebra na sua rotina mental. Dissemos-lhe aquilo que ele ainda não tinha reparado: já não vivia a vida terrena, estava sim na vida espiritual preocupado com o que não lhe interessava. Não acreditou nem que estivesse a falar por uma médium (mulher), o que não foi difícil desenganar depois.

Pouco a pouco, mas com uma lentidão invulgar, começou a ajustar as suas percepções, através de melhores pensamentos, o que lhe permitiu ver quem ali

o tinha conduzido - uma entidade esclarecida - para ser ajudado, sem que se tivesse apercebido disso. Nessa altura, disse algo que lembramos até hoje, muito engraçado: «Ah! ...Agora é que eu percebo: sabes que eu achava estranho, até julgava que era da «passa» (droga)... quando me dirigia para uma porta, ia com a mão à maçaneta dela para a abrir e de repente já estava do outro lado! ...Agora é que eu percebo - já tinha morrido...».

Evidências

Graças a investigações diversas, há muito que se sabe que a vida continua após a morte. Isso não por mera crença ou suposição, mas porque lidamos com esses factos nas actividades a que nos dedicamos, nos períodos pós-laborais, no centro espírita com um único salário: o de mais ajudar e compreender.

A partir daí, a acústica da toxicodependência amplia-se sobremaneira!

Desequilíbrio de cá continua lá, até ser resolvido. Assim como aqui. Se levarmos os problemas resolvidos daqui, qual é a desvantagem?! Nenhuma.

Graças a estes factos, o nível de entendimento ascende: se para o engano do materialista desencarnar com uma overdose é o máximo, nós outros, sabemos que na vida espiritual o assunto não é simplista como lhe pode parecer.

Aliás, até é bem complicado! Cuidado com a ressaca e as sequelas correspondentes.

É duro. Porque a natureza não adoça a realidade perante as nossas fantasias, quaisquer que sejam.

Toda a iniciação na droga pode ser a entrada num complicado labirinto. E corno toda a caminhada se faz após o primeiro passo, há que pensar muito bem no preço exorbitante que a vida imperecível de cada um realmente vai pagar para retomar a autonomia e a independência com que chegámos à vida física com o fito de ampliar as capacidades de mais saber e mais amar.

Não vale fugir da realidade com facturas tão caras. Prevenir é sempre melhor do que remediar ...

Esta entrevista foi extraída da Revista de Espiritismo (órgão da FEP - Federação Espírita Portuguesa) - 3.º trimestre de 1997, págs. 18-21 (não é citado o autor na publicação)